

EÇA DE QUEIRÓS EM OS INGLEZES NO EGIPTO: NA MIRA DO ORIENTALISMO

Patrícia Ayres Pereira e Thomas Bonnici (UEM)

Resumo: A proposta deste estudo apresenta-se numa leitura crítica do texto não-ficcional *Os Inglezes no Egipto*, do português Eça de Queirós, sob a perspectiva do orientalismo, corpo de conhecimentos acerca das relações entre centro e periferia, que objetiva compreender a realidade e condições em que certos setores da humanidade se encontravam e se encontram excluídos pelos detentores da hegemonia colonial, bem como desvendar a visão crítica-reflexiva do jornalista, enquanto português situado numa condição semiperiférica.

Palavras-chave: *Os Inglezes no Egipto*, orientalismo, hierarquização, outremização

Abstract: The proposal of this study is shown by a critic reading of the non-fictional text *Os Inglezes no Egipto*, from the portuguese author Eça de Queirós, under the perspective of orientalism, related to the relationship between centre and periphery, wich aims the comprehension of reality and conditions of some excluded countries of the worldwide capitalism. As well as it reveals the journalist's reflexive-critic point of the view, as a Portuguese citizen in a semiperiphery condition.

Keywords: *Os Inglezes no Egipto*, orientalism, hierarchyzation, othering

EÇA DE QUEIRÓS NA IMPRENSA

José Maria Eça de Queirós (1845 – 1900), o maior nome da narrativa realista-naturalista portuguesa, é considerado um divisor de águas entre a tradição e a modernidade. Sua obra caracteriza-se pelo sentido crítico às instituições burguesas e pelo retrato da sociedade portuguesa da época, segunda metade do século XIX, com um toque de humor produzido por meio da sátira e da ironia.

Mas é o jornalista que nos propomos descobrir e, assim, conhecer a faceta menos divulgada do romancista canonizado pela literatura portuguesa, numa obra que reúne os seus mais fascinantes artigos jornalísticos. Como jornalista, Eça de Queirós, escreveu especialmente para um jornal brasileiro, *Gazeta de Notícias*, um dos mais influentes jornais do fim do século XIX, editado no Rio de Janeiro. Os textos jornalísticos, editados postumamente, estão divididos nos volumes: *Cartas de Inglaterra*, *Ecos de Paris*, *Notas Contemporâneas*, *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*, em que o escritor português comenta sobre a cultura e episódios políticos relevantes da Europa do seu tempo.

A produção escrita não-ficcional de Eça de Queirós publicada no *Gazeta de Notícias*, em especial nosso *corpus* neste estudo, *Os Inglezes no Egipto*, o qual insere-se em *Cartas de Inglaterra*, nos oferece um panorama geral da cultura, política e sociedade de sua época em suas relações conflituosas de poder entre Inglaterra, França e Egito.

Portanto, a relevância de nossa pesquisa reside na possibilidade de discutir a questão do eurocentrismo/orientalismo, a partir do texto de não-ficção de Eça de Queirós, no que se refere às relações de poder entre centro e periferia, especialmente Inglaterra e Egito, e como essas relações são encaradas e, de certa forma, sub-julgadas pelo jornalista (português, na semiperiferia), já que diante dos importantes problemas políticos e sociais focalizados, adota invariavelmente a atitude de quem informa, discute e interpreta com vistas a formar uma opinião.

Assim, o resgate e o estudo das crônicas de Eça confirmam-se como categórico para nós brasileiros, na medida em que podem ser considerados importantes documentos nacionais, já que foram publicados no Brasil e devorados por leitores que eram privilegiados com a visão política do jornalista, sempre exótica e vanguardista para época e com considerável influência. Os textos nos contaminam politicamente e nos despertam para questões de discurso e poder, de conscientização da dominação que nos fora outrora imposta e que se arrasta, mas que, hoje, pode ser analisada e discutida.

ORIENTALISMO: REVELANDO AS ESSÊNCIAS

Podemos entender o eurocentrismo como uma visão de mundo que eleva a Europa juntamente com sua língua, seu povo e sua cultura como elemento-guia na constituição da sociedade, sendo indiscutivelmente a protagonista da história do homem. É possível de se acreditar que uma considerável parcela da historiografia produzida do século XIX até a metade do século XX assuma o posicionamento e centralidade profundamente eurocêntricos, mesmo aquela praticada fora da Europa.

Nas últimas décadas, ocorreu o revisionismo histórico por diversos intelectuais, como, por exemplo, Edward W. Said. Tendeu-se colocar em voga a discussão e a desconstrução sobre esta visão de mundo eurocêntrica, buscando, assim, novas perspectivas. Manifestou-se, a partir deste revisionismo, uma abordagem ou espécie de doutrina, que hoje já encontra-se no meio acadêmico e que objetiva-se discutir e não mais enxergar as culturas não-européias de forma exótica e não as encarar de modo xenófobo.

Uma considerável contribuição partiu de Said, em 1978, com a publicação de sua obra mais conhecida, *Orientalismo*, na qual analisava a visão ocidental do mundo "oriental", mais concretamente do mundo árabe. Said argumentou que o Ocidente criou uma visão totalmente distorcida do Oriente como o "outro" (o sujeito degradado do discurso imperial), numa tentativa de diferenciação que servia indiscutivelmente aos interesses do colonialismo. Na construção do argumento central do livro, Said analisou uma série de discursos literários, políticos e culturais que iam desde textos das Cruzadas ou de Shakespeare, nos quais encontrou um ponto comum: a representação dos habitantes do mundo oriental como bárbaros.

Said define o orientalismo como um "estilo de pensamento", um modo de pensar o Oriente, que ajudou a subordiná-lo, através do conhecimento enviesado produzido sobre ele e que deu ao Ocidente o poder de ditar o que era significativo sobre esse "outro", classificá-lo junto com outros de sua espécie e colocá-lo "no seu lugar", ou seja, o lugar degradado e rebaixado, segundo a visão distorcida, xenófoba e tendenciosa que é a ocidental.

Segundo Said, não existe uma essência do Oriente, assim como, também, não existe uma essência do Ocidente. Tais essências foram *constructos* que serviram para mascarar uma relação desigual que marcou historicamente o relacionamento entre alguns países da "Europa adiantada" com países da periferia do capitalismo.

Uma rápida viagem por Eça de Queirós empreendida ao Egito, em 1869, com o pretexto de assistir à inauguração do Canal de Suez, irá marcá-lo indelevelmente. A partir dessa viagem,

o Oriente será, em sua obra, uma permanente referência mítica e real, isto quando ainda era um jovem romancista em seus primeiros tentes literários, com seu romantismo fantástico e satanismo baudelairiano.

Manuel Bandeira, no *Livro do Centenário de Eça de Queirós*, comenta a importante colaboração de Eça para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro; e dizia:

Estão entre as suas páginas mais generosas as cartas que analisavam a miséria das classes pobres, a política de pilhagem das grandes potências. Não o cegava nessas análises o amor que votava às culturas inglesa e francesa: sob o esplendor da civilização material e espiritual, sabia ver com isenção na democracia burguesa da França uma vasta casa de negócios, na ordem imperial britânica a sofreguidão mercantil de um povo de lojistas. (1945: 48).

Tais são as ambigüidades culturalmente eurocêntricas do colonialismo Europeu: nele sente-se o peso da consciência exemplarmente queirosiana e comum a sua geração, de um Portugal considerado semiperiférico, um "inferno do ocidente", de um Portugal sempre à beira da bancarrota, feito o Egípto face aos seus credores; uma virtual colônia da Inglaterra e às conveniências do equilíbrio de poderes. É todo este jogo de correspondências, enfim, que perpassando as páginas do nosso jornalista, melhor revela essa consciência da ambigüidade do orientalismo português: simultaneamente consumidor das imagens ocidentais do Oriente e também vítima delas, além de angustiadamente consciente de ser objeto de outras formas de orientalização:

Ao contrário dos americanos, os franceses e os britânicos – e em menor medida os alemães, os russos, os portugueses, italianos e suíços – tiveram uma longa tradição daquilo que deverei chamar de *orientalismo*, um modo de resolver o Oriente que está baseado no lugar especial ocupado pelo Oriente na experiência ocidental européia. (Said, 1990: 13)

A sustentação do discurso da crítica pós-colonial encontra-se no pós-estruturalismo. Um movimento de pensamento, ou melhor, uma complexa rede de pensamento, que discute a linguagem, reiterando sempre que o sentido não está clarividente no texto, ele é plural. Os pressupostos pós-estruturalistas são exemplificados pelo trabalho de Jacques Derrida, Michel Foucault, Julia Kristeva, Jean-François Lyotard, Gilles Deleuze, entre muitos outros.

Tais pensadores enfatizam que o significado é uma construção ativa, radicalmente dependente da pragmática do contexto. É necessário ter essa consciência pra que sejam revelados seus significados ocultos, já que os discursos estão imbuídos numa ideologia que busca encorajar a pluralidade de discursos, legitimando a não existência de uma única verdade ou interpretação. Questionam, portanto, a suposta universalidade das chamadas "asserções de verdade".

Foucault vê a verdade como o produto de regimes ou gêneros discursivos que têm seu próprio e irreduzível conjunto de regras para construir sentenças ou proposições bem formadas. Sua faceta no pensamento pós-estruturalista refere-se à equação discurso e poder. Esclarece que as forças políticas e econômicas, o controle ideológico e social, subjazem ao discurso e ao texto. E esse poder, e suas conseqüências, é exercido para que surta o máximo efeito possível, estabelecendo uma relação de poder entre "sujeito" e "objeto", a qual não condiz puramente a verdade.

Michel Foucault reconhece que o discurso, escrito ou oral, jamais poderia estar livre das amarras do período histórico em que foi produzido e que o discurso está inseparável a todas as práticas e instituições culturais necessitando da agência dos indivíduos para ser efetivo.

Seguindo os parâmetros de Foucault, Said, em *Orientalismo*, teoria de base para análise do texto não-ficcional, *Os ingleses no Egito*, do português Eça de Queirós, desconstrói a natureza do poder colonial, desconstrói a imagem que o mundo ocidental tem do Oriente.

OS INGLEZES NO EGIPTO E O ORIENTALISMO

Beatriz Berrini, estudiosa de Eça de Queirós, recorda ao descrever a situação dos ingleses no Egito uma situação mais ampla e exemplar, com o paralelo: a invasão britânica no Egito e o destino que ameaça pequenas nações. Eça conseguiu constituir uma visão que pode ser considerada universal, não só no sentido do espaço, mas, principalmente, no do tempo, o que garante ao seu texto uma extrema atualidade. Por exemplo, é possível se alterar o título d' *Os ingleses no Egito* e as denominações próprias de seus personagens e locais para uma irônica avaliação a respeito d' *Os americanos no Iraque*.

Eça viveu fora de Portugal em longos anos de sua vida como em Cuba, Inglaterra, Newcastle, Bristol, concluindo sua excepcional carreira em Paris. Teve a oportunidade de encarar uma dimensão internacional na política e cultura do Ocidente. Essa tal mundivivência o permitiu expor aos leitores uma clareza de visão crítica do que se acontecia pelo mundo. Sobretudo com rigor e retidão e sempre com muita paixão e humor que lhes são peculiares.

Meditando um pouco mais sobre *Os ingleses no Egito*, sempre numa narração saborosa, Eça resume a história do Egito, ou melhor, de Alexandria. A seguir a essa narração que recupera a história de Alexandria e que possibilita ao leitor uma visão da cidade, acima de tudo, o que interessa ao escritor é falar sobre o recente passado e enumerar as reformas sociais proporcionadas pelo líder Árabi, que passara de um felá para o exercício do poder ao tentar resolver a crise da nação ante a insaciável sede imperialista da Inglaterra.

Entendemos que seja relevante levantar o "supra-sumo" do texto não-ficcional, já que seu jornalismo fora até nossos dias menos divulgados e passaremos em seguida à sua leitura no viés da concepção do orientalismo.

Nosso jornalista inicia a crônica descrevendo a cidade de Alexandria, porto do Egito, antigo centro artístico e literário do Oriente. Descreve suas riquezas e prosperidades para, em seguida, contrapor, com a lástima que se encontrava naquele momento, após as potências ocidentais por uma falsa camaradagem optarem por delegar o cuidado de manter os seus navios de guerra em frente a Alexandria. É importante o leitor ter em mente que na descrição do panorama das lutas imperialistas no Egito, Eça vale-se de um mosaico infinito de recursos de linguagem: a ironia sempre presente, fina e sutil; o cômico e o burlesco, valendo-se de paradoxos, de hipérbole, de paralelos constrativos e do exagero caricatural. As sátiras com relação à Inglaterra explicam-se porque Eça não se conformava com o que observava e avaliava a respeito daquela nação hegemônica e imperialista. Não estava de acordo com seus padrões morais e políticos nas suas intervenções.

Assim segue falando sobre a submissão dos beduínos (diz-se dos árabes nômades do deserto) em relação aos estrangeiros; dos soldados egípcios aos marujos de Marselha (principal porto francês de comércio) e de Liverpool (cidade da Grã-Bretanha); enfim, da outremização e rebaixamento dos egípcios ao poder hegemônico franco-inglês.

O Egito fora vigiado e tomado, de certa forma, pelos europeus porque estava altamente endividado com as burguesias financeiras de Paris e Londres e Eça diz que os estrangeiros eram uma espécie de agiotas armados, com a tutela oportunamente decorrida das finanças deficitárias do Egito.

Finaliza o assunto falando, sem dados históricos, visto que era uma crônica com comentários e não de caráter meramente informativo, sobre a prisão de Arabi-Paxá, militar e político egípcio, chefe do movimento nacionalista, que pretendia expulsar turcos, britânicos e franceses do Egito, o qual sua prisão decorreu de um pronunciamento nacionalista. Outrossim, mesmo que numa derradeira leitura, tal síntese nos possibilita confirmar a imposição ocidental no mundo oriental em diferenciados setores, num abuso de poder, embora que toda a questão recaísse sobre pretexto de um único fator: dívida financeira.

Eça de Queirós nos vem desnudar, logo no início da crônica, a idéia de que o Ocidente congela determinado momento do Oriente, sobretudo a grandeza de seu passado, delegando a si próprio o papel de reestabelecer essa grandeza, que o oriental já não é capaz de sustentar ou suportar:

Apesar dos seus dois mil anos de idade, de ter sido, depois de Atenas e Roma, o maior centro de luxo, de letras e de comércio, que floresceu no Mediterrâneo, a velha cidade dos Ptolomeus não possuía hoje nenhum monumento do seu passado, a não contarmos, ao lado de um velho cemitério muçulmano, uma coluna erigida outrora por um prefeito romano em honra de Diocleciano, conhecida pelo sobrenome singular de Pilar de Pompeu, e mais longe, estendido num areal, um obelisco faraônico do templo de Luxor, que gozava a grotesca alcunha de Agulha de Cleópatra. E esta mesma relíquia está agora em Londres, no aterro do Tâmis, pousada numa peanha de bronze, alumada pela luz eléctrica, aturdida pelo estrondo dos comboios... (Queirós, 1882)

Em *Os ingleses no Egípto* torna-se explícita a diferença sentida entre progresso e uso incivilizado dele. O Imperialismo britânico não convence a Eça do conceito de Europa como baluarte da civilização, como grande centro de superioridade inquestionável. Essa dúvida surge pelo procedimento desumano e arrogante contra a cultura antiga, evidenciada nos excertos que se seguem.

Na descrição de Alexandria, Eça narra suas experiências e observações que outrora fizera num passeio e tece comentários que manifestam as características da dominação e da hierarquização imposta aos sujeitos árabes:

Os bairros europeus de Alexandria quase recentes (...) compunham-se principalmente de uma vasta praça, a famosa Praça dos Cônsules, orgulho de todo o Levante, e de ruas largas, com nomes franceses, estuque francês nas fachadas, tabuletas francesas nas lojas, cafés franceses, lupanares franceses - como um faubourg de Bordéus ou de Marselha transportado para o Egípto e empenachado aqui e além de palmeiras. (Queirós, 1882)

A grande verdade é que os ingleses queriam estar em toda parte, como senhores do mundo. Tal cenário contrapõe-se com "a parte árabe da cidade não tinha nenhum pitoresco oriental: eram arruamentos quase direitos, com casebres lavados a cal e terminando em terraço, pousados num solo, meio de terra e meio de areia, que a menor brisa do mar espalhava em nuvens pelo ar". Trechos como este denotam como o poder imperial é centralizado e fica claro que os ocidentais sentem-se os "donos" absolutos do Oriente. Os ocidentais não poderiam deixar de serem malquistos, pois possuíam todos os privilégios possíveis, sendo que os felás eram os marginalizados da humanidade, no interior de seu próprio espaço. Os melhores recursos, como postos e empregos públicos, com a mais alta remuneração, estavam em mãos ocidentais, exatamente aqueles que ignoravam a língua árabe e que nada sabiam do ofício.

E ignorando por completo a cultura dos egípcios, os europeus se mantêm distantes ao passo que se preocupam somente com o estabelecimento de sua própria cultura e conhecimento, desestabilizando e desconsiderando a cultura do outro:

“Todavia, tal qual era, Alexandria - com as suas ruas, onde os soldados egípcios, de fardeta de linho branco, davam o braço à marujada de Marselha e de Liverpool, onde as filas de camelos, conduzidos por um beduíno de lança ao ombro, embaraçavam a passagem dos tramways americanos, onde os *sheiks*, de turbante verde, trotando no seu burro branco, se cruzavam com as caleches francesas dos negociantes, governadas por cocheiros de libré. (Queirós, 1882)

Assim, os detentores da hegemonia agem não somente através da imposição cultural, mas, principalmente, na necessidade de ser “maior” que o outro, de impor “respeito” e afirmar seu poder na aparência e na riqueza. No discurso de Eça, podemos tomá-lo como um orientalista, já que ele flagra essa relação de poder, da tentativa dos europeus de se convencerem de sua superioridade cultural e intelectual diante da simplicidade dos orientais, enfim, a primazia dos europeus que em terra alheia eram transportados por bondes de tecnologia americana e a periferização do sujeito dominado árabe que se transportava em seu burro branco.

Mais além, Eça resume a jactância inglesa, ao afirmar que a Inglaterra se gabava da sua força pelo dinheiro a rodo e pulsos fortes, aos quais ninguém tinha condições de suportar ou resistir. E assim vai sempre conquistando um espaço no mundo, nas palavras de Berrini, “mundo que vai se tornando um espaço inglês”.

“Isso era assim, há cinco ou seis semanas. Hoje, à hora em que escrevo, Alexandria é apenas um imenso montão de ruínas”, segue Eça na expectativa de falar sobre o que resta de Alexandria após a intervenção armada franco-inglesa:

Pela quarta vez na história, Alexandria deixou de existir.

Tratando-se do Egípto, terra das antigas maldições, pode-se pensar, em presença de tal catástrofe, que passou por ali a cólera de Jeová - uma dessas cóleras de que ainda estremece as páginas da Bíblia, quando o Deus único, vendo uma cidade cobrir-se da negra crosta do pecado, corria de entre as nuvens a cicatrizar-la pelo fogo como uma chaga viva da Terra. Mas desta vez não foi Jeová. Foi simplesmente o almirante inglês Sir Beauchamp Seymour, em nome da Inglaterra, e usando com vagar e método por ordens do governo liberal do Sr. Gladstone os seus canhões de oitenta toneladas. (Queirós, 1882)

A analogia traçada pelo jornalista entre o considerado divino e a força política britânica não acontece por mero acaso, vem antes comprovar a supremacia e soberania ocidental com seus homens e representantes fortes, que vão “cair sobre o fraco, destruir vida e empolgar fazenda”:

No princípio de junho passado, o almirante inglês Sir Beauchamp Seymour achava-se nas águas de Alexandria, comandando uma formidável frota, e tendo ancorado ao seu lado uma esquadra francesa com o pavilhão do almirante Conrad, a França e a Inglaterra estavam ali com morrões acesos, vigiando Alexandria, de camaradagem, como tinham estado nos últimos dois anos no Cairo, de pena atrás da orelha, fiscalizando, de camaradagem, as finanças egípcias: porque sabem de certo, que o Egípto, endividado até ao alto das pirâmides para com as burguesias financeiras de Paris e Londres, tendo omitido o pagamento de alguns *coupons*, - a França e a Inglaterra esposavam maternalmente os interesses dos seus agiotas, e instalavam no Cairo dois cavalheiros, os Srs. Coloin e Blegnières, ambos com

funções de secretários de Fazenda no Ministério egípcio, ambos encarregados de colher a receita, geri-la, e aplicar-lhe a parte mais pingue à amortização e juros da famosa dívida egípcia! (Queirós, 1882)

Temos a confirmação, no excerto acima, que o Ocidente é o agente e o Oriente é o reagente passivo, idéias de Said. Alexandria estava tomada pelo comando europeu, expressa pela famosa ironia de Eça, quando diz que a estavam vigiando de camaradagem. O ocidental intenta produzir na nação dominada o mito da superioridade, especialmente da "raça superior", onde o diferente é outremizado para ser explorado. Notam-se as estratégias de objetificação no aparente cuidado do europeu em detrimento da incapacidade política egípcia de "caminhar com suas próprias pernas". O dominador sempre tenta passar a imagem do dominado como fora dos padrões normais, ficando, dessa forma, numa posição superior e exercendo tranquilamente seu domínio e controle.

De um certo modo, as limitações do orientalismo são, [...], aquelas decorrentes de se desconsiderar, essencializar e desnudar a humanidade de outra cultura, outro povo ou região geográfica. Mas o orientalismo foi além disso: considera o Oriente como algo cuja existência não apenas está a vista, mas permaneceu fixa no tempo e no espaço para o Ocidente. O sucesso descritivo e textual do orientalismo foi tão impressionante que períodos inteiros da história cultural, política e social do Oriente são considerados como meras respostas ao Ocidente. Este é o agente e o Oriente é o reagente passivo. (Said, 1990: 117)

Por fim, assim age o orientalismo em Eça de Queirós, que com a considerável força de um dispositivo de massa, jornal publicado não somente em Portugal, mas, também, no Brasil, privilegia, em *Os Ingleses no Egípto*, a todos com sua semente orientalista que após décadas germina o orientalismo, como por exemplo, proposto por Edward W. Said.

CONCLUSÕES FINAIS

Sobre a resposta do Oriente após os estudos do orientalismo, Eça nos parece um visionário. A literatura, sem sombra de dúvida, representa uma das maiores heranças da cultura portuguesa no que diz respeito não apenas à arte, mas também aos contextos históricos, que foram explicitamente descritos nos romances e, também, na poesia portuguesa.

O mesmo se poderia falar dos textos não-ficcionais de Eça de Queirós, publicados na *Gazeta de Notícias*, com sua possível repercussão nacional e internacional, que tendem a atentar, a exemplo de nosso *corpus*, certas questões com pertinências universais, por exemplo: como o poder dos estados fortes e disciplinados mandam impunemente nos pequenos e nos fracos, pondo em cheque a idéia iluminista do progresso e da civilização.

Por fim, na análise de *Os Ingleses no Egípto*, uma das crônicas que integram *Cartas de Inglaterra*, evidenciamos um conteúdo histórico sobre a intervenção franco-britânica no Egito. Assim, a presença do *Orientalismo*, obra de Said, nosso corpo de teoria, e a tendenciosa posição orientalista de Eça, podem caminhar juntos, a fim de desmistificar a superioridade ocidental, na medida em que propõe a inclusão do Oriente num contexto de igualdade, e, não, de diferença xenófoba e outremizadora.

REFERÊNCIAS

BERRINI, B. "Eça de Queiroz: precursor da modernidade". In: *Eça e Machado*. Beatriz Berrini (org.). São Paulo, Editora PUC-SP, 2005.

BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da Teoria Pós-Colonial*. Eduem: Maringá, 2005.

_____. *O Pós-Colonialismo e a Literatura*. Eduem: Maringá, 2000.

_____; ZOLIN, Lúcia Ozana (orgs). *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Eduem, 2005

MARINHO, M. de F. "A intromissão da história na ficção de Eça de Queirós". In: *Eça e Machado*. Beatriz Berrini (org.). São Paulo, Editora PUC-SP, 2005.

MINÉ, Elza; CAVALCANTE, Neuma (edição). *Textos de imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002. (Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós).

PEREIRA, Lúcia Miguel e Câmara Reys (org.) - Livro do Centenário de Eça de Queirós, Lisboa / Rio de Janeiro, Edições "Dois Mundos", 1945.

SAID, Edward W. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.